

Livros infantis como espaço de representação e de cidadania¹

Ana Julia RODRIGUES²

Sandra DEPEXE³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO: Trata-se de uma reflexão acerca do que os livros infantis e seus desdobramentos representam socialmente. Ressaltando sua importância para a infância e sua possibilidade de retratar temas que podem proporcionar bons diálogos com as crianças a partir da observação de como as temáticas se apresentam atualmente neste tipo de literatura. Permeando esse sentido, uma relação com a ideia de cidadania, a partir de Maria Cristina Mata (2006), André Botelho e Lilia Schwarcz (2012), Silmara de Mattos Sgoti e Círcia Krohling Peruzzo (2015).

PALAVRAS-CHAVE: Cidadania; Comunicação; Livros infantis; Infância.

Introdução

Para além de personagens engraçados, narrativas empolgantes e finais felizes, os livros infantis proporcionam múltiplos benefícios para a infância. De acordo com Paulo Freire (1989) o ato da leitura transcende a simples ideia do *ler*, e se direciona ao *imaginar, criar, pensar, projetar*. Sendo assim, percebe-se este ato como uma busca por novas percepções e interpretações de mundo.

Ainda pequenos, muitos leitores não percebem que ao realizarem uma despreziosa leitura antes de dormir, por exemplo, estão praticando e desenvolvendo habilidades que poderão fazer diferença em um futuro próximo, assim como pensa Domingos *et al*:

O reconhecimento da importância da leitura na educação infantil passa pela estimulação da formação de hábitos de leitura na idade em que todos os hábitos são formados, ou seja, a infância. A literatura infantil é um caminho

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação e graduada em Comunicação Social - Produção Editorial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista CAPES, e-mail: ana.julia@acad.ufsm.br

³ Doutora em Comunicação, docente do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: sandra.depexe@ufsm.br

que leva cada criança a estimular a sua imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. (Domingos et al, 2021, p. 670)

Segundo Freire (1989) e Caldin (2003), a literatura infantil é indispensável pois fomenta a criatividade, a criticidade e amplia o conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo, tudo isso, de maneira leve e descontraída, porque segundo Nelly Coelho (1991, a literatura infantil é, antes de tudo, é arte.

Uma arte que, em “seus primórdios, [...] tem função formadora, ao apresentar modelos de comportamento com a finalidade de reforçar os valores sociais vigentes.” (CALDIN, 2003, p.47). Esta é uma questão que por muito tempo gerou reflexões neste campo. Afinal, por muito tempo os livros infantis obtiveram uma principal função: educar. Mas o que se acredita é que com o passar do tempo essa ideia foi se transformando e hoje pode-se observar muito mais do que “lições de moral”.

A sociedade está em constante modificação, assim como suas ações, gostos e desejos. Para acompanhar, o mercado busca estar atento às principais mudanças e transformações sociais. No mercado editorial, não é diferente, ao longo dos anos surgiram diversas novidades que revolucionaram este cenário. Pode-se citar inovações como variação de formatos como ebook e audiobook. E até mesmo o livro físico já passou por transformações de diversos tipos, mas o que se pode considerar, é que o livro nunca deixou de ser consumido, e para além disso, nunca deixou de ser um meio de comunicação de potência e importância.

No princípio, a literatura infantil vinha importada de Portugal e se manifestava apenas em áreas isoladas do Brasil (Arroyo, 2011). Eram tidos como meras formas de entretenimento e considerados como um “gênero secundário, [...] algo pueril (nivelada a um brinquedo)” (Silva, 2006, p. 03). Na realidade brasileira notamos que uma das primeiras obras infantis de destaque foi *Sítio do PicaPau Amarelo*, na qual o autor integrava os costumes do campo e lendas do folclore, o que era comum em outras obras da época (Rodrigues, 2013). O que fazia total sentido com aquele período, de acordo com Coelho (1991, p.49) que destaca que a literatura infantil em seus primórdios foi essencialmente fantástica, retratando lendas, mitos, saga, etc. E complementa que esta literatura arcaica acabou se transformando em “Literatura Infantil: a natureza mágica de sua matéria atrai espontaneamente as crianças” (Coelho, 1991, p.49).

Mas desde então o público leitor deste tipo de literatura tem mudado muito (Hoffmann, 2021), e conseqüentemente, seus gostos, suas preferências e suas vivências, assim como de seus responsáveis, afinal, os livros infantis possuem mais de um público alvo. Para além das crianças, os pais ou responsáveis devem gostar e aprovar o produto, para que então o mesmo possa ser consumido (Kohan, 2013). E assim, a ideia de leitura, e do ato de ler vem se modificando (Prevedello; Noal, 2010). A partir disso, objetiva-se uma reflexão acerca do que os livros infantis e seus desdobramentos representam socialmente.

Pensando os livros infantis

Perceber as mudanças editoriais ao longo destes anos é uma provocação que exige compreensão de contextos, e da história que coloca-se como pano de fundo das transformações na sociedade:

As modificações nos fluxos de circulação, nos modos de participação e engajamento, nos hábitos de leitura, na indústria do entretenimento, na educação, nos sentidos de público e privado, na noção de território, por exemplo, refletem na cultura e comunicação contemporâneas. (Dpexe *et al* 2022, p.91)

Portanto, os tensionamentos e provocações iniciados a partir desse artigo, ainda estão em desenvolvimento e para que sejam aprofundados em estudos seguintes. Mas o que pode-se levantar a partir de estudos prévios, é a observação de possíveis transformações ao longo do tempo nos livros infantis esteja também relacionado - para além das mudanças sociais - na categoria de “mudanças editoriais”. Mudanças editoriais são transformações e alterações na parte editorial, que por sua vez, segundo Zappaterra (2014) , tem a ver com narrativa e compartilhamento de um ponto de vista ou de interesse e “age como um instantâneo cultural vivo da época em que é produzido” (2014, p.10).

Imagina-se que a transformação citada acima por Coelho (1991), da literatura infantil em seus primórdios até então, é uma mudança editorial, pois é uma alteração na temática de centralidade e no estilo. E imagina-se também que ainda mais mudanças ocorreram ao longo dos anos, pois o mercado está em constante metamorfose.

Nesse sentido, o que se imagina é que as mudanças editoriais não se relacionam apenas com materialidade como estratégia de conquistar os pequenos leitores e seus

responsáveis. Assim, refletimos se a forma de contar uma história, a temática e seus desdobramentos são fatores importantes na hora da escolha de um livro infantil.

De acordo com Caldin (2003, p.47) “A literatura infantil contemporânea oferece uma nova concepção de texto escrito, aberto a múltiplas leituras, questionamentos e reflexões”. E assim, ao longo dos anos, este tipo de literatura parece ter deixado de ser apenas um breve entretenimento que tem objetivo de educar e têm se tornado um lugar de acolhimento, que proporciona debates diversos. Sendo fundamental e indispensável na vida das crianças, principalmente na formação inicial e contato com as primeiras letras. A própria dinâmica de transmissão de capitais (Bourdieu; Passeron, 2023) trata de justificar a centralidade de objetos culturais/científicos/literários.

Esses espaços proporcionados para diálogos múltiplos também podem ser observados como espaços de cidadania dentro da comunicação, pois se propõem reflexões e debates, que se ampliam para temáticas que antes eram retratadas de formas mais implícitas, ou nem eram retratadas dentro dessa área editorial. Um exemplo disso, é a representatividade. Atualmente, observamos livros infantis que a retratam de formas diferentes e dão vez para essa temática, indo ao encontro com o que Sgoti e Peruzzo acreditam:

A comunicação assume [...] papel fundamental na discussão dos mais variados temas que permeiam a sociedade e consequentemente, na efetivação do debate público e na garantia da visibilidade das demandas sociais. O processo é fundamental para a consolidação dos direitos de cidadania, que se encontram instituídos. (2015, p.11)

Entretanto, é importante destacar que nem sempre foi assim, durante muito tempo diversos assuntos não circulavam com clareza e tranquilidade, principalmente em livros infantis. Nesse sentido, o que se observa previamente é que hoje em dia existem espaços de diálogo sobre temáticas variadas em livros infantis, diferentemente do que se era colocado no passado. Espaços como esses são fundamentais para boas trocas e aprendizados, ainda mais durante a infância, e que imagina-se que pode ter relação com cidadania. Para pensar na prática dessas exposições, cita-se de algumas atuais publicações, que visam, desde a titulação, expor a temática que tratam no interior do livro.

Figura 1, 2,3 e 4 - Capa do livro "Ser o que se é" (Companhia das Letras, 2022), Capa do livro "Silêncio" (Rocco, 2022), Capa do livro "A pele que eu tenho" (Boitempo, 2022), Capa do livro "Casa da mamãe, casa do papai" (Tudo!, 2023)



Fonte: Editoras Companhia das Letras, Rocco, Boitempo e Tudo!

As obras em questão indicam suas temáticas de forma explícita na capa, e assim, imagina-se que o público (crianças e seus responsáveis) consigam rapidamente perceber do que se trata, o que pode vir a ser um facilitador na hora de adquirir esse produto, visto que algumas obras só permitem o reconhecimento do tema após leitura da sinopse ou na “moral da história”, após a leitura completa da história. Além disso, são obras atuais, publicados a partir de 2022, e que ganharam reconhecimento ao serem pontuados na matéria “30 melhores livros infantis de 2023” segundo a Revista Crescer⁴, observando como são postas a temática desses e de muitos outros livros infantis.

Conexão entre comunicação, cidadania e educação

Cidadania é um conceito grego que significa “indivíduo que mora na polis e participa ativamente na esfera pública” (Sodré; Paiva; 2017, p. 3) no qual acrescenta-se que é mais do que simplesmente existir/viver na sociedade. A ideia de cidadania prevê a participação, como destacado por Sodré e Paiva (2019, p. 5): “além dos direitos civis (liberdade de pensamento, de ir e vir, de propriedade) e políticos (votar e ser votado, associação e organização), a prática da cidadania contempla os direitos sociais”.

Sendo assim, é necessário compreender a cidadania como “a apropriação coletiva dos bens e dos valores criados no quadro da ‘historicidade’ democrática” (Sodré; Paiva, 2019, p.2). Para além de direitos e deveres, precisa-se pensar a cidadania

⁴<https://revistacrescer.globo.com/entretenimento/literatura-infantil/melhores-livros-infantis-do-ano/noticia/2023/06/os-30-melhores-livros-infantis-do-ano-2023.ghtml>

no cotidiano, enquanto prática (Mata, 2006) para que suas definições não fiquem apenas na retórica e sejam possíveis de existir concretamente, problemas semelhantes que existem com ideia de liberdade, por exemplo.

Em *Comunicacion y ciudadania*, as aberturas de capítulos em forma de questionamentos propostos por Mata (2006) nos provocam a pensar qual a conexão da cidadania com a comunicação. E a partir de Sgoti e Peruzzo (2015, p. 03) é possível observar que a “Cidadania não se dá se não houver comunicação” visto que “a comunicação é fundamental para a consolidação dos processos de cidadania” (2015, p.11). Da mesma maneira, Mata (2006) reflete e considera, em sua obra, o papel fundamental que a comunicação tem para o exercício da cidadania.

Do mesmo modo, a comunicação e a educação estão relacionados, visto que a educação ressoa nas práticas sociais e na comunicação popular (Peruzzo, 2017). A visão de Freire, como colocado por Peruzzo, marcou toda uma época da educação brasileira e suas ideias não se restringiram a sala de aula, mas vieram a inspirar muitas ações na educação mundial⁵. Peruzzo busca aproximar os pressupostos básicos da educação libertadora aos da comunicação popular e comunitária. Além disso, de acordo com Sartori e Kornatzki (2011, p.12) “Pensar a educação a partir do olhar da comunicação significa perceber a importância da dialogicidade na relação entre dois indivíduos.”

Freire (*apud* Peruzzo, 2017, p. 3) se mostra preocupado “com a situação brasileira caracterizada pela injustiça social e a necessidade de transformação” e pensa sobre a necessidade da democratização da sociedade e da cultura, como um dos possíveis caminhos para tornar essas metas possíveis. Todas elas se valem de alguma maneira da relação entre comunicação, educação e cidadania, ao buscar democratização da cultura, incentivo à consciência crítica e a ideia de “deixar de ser sombra”.

Dessa maneira, a relação de comunicação, cidadania e educação, se vê indissociável na tentativa de uma comunicação cidadã, que, segundo Sodré e Paiva (2019) seria como uma interven o na cena urbana, a fim de ajudar a torná-la mais humana, e assim, repensar a cidadania, dentro desse contexto, e nesse sentido, criar

⁵ Cabe lembrar que Paulo Freire teve uma forma o profundamente marxista, cujo materialismo teve significativa importância em transformar a teoria em prática e não descolar a reflexão do campo das idéias da realidade concretamente experienciada pelos indivíduos: eis uma face da *práxis* freireana-marxista.

possibilidades de intervenção e de reversão de quadros que se instauraram no país, principalmente desigualdade (Sodré; Paiva, 2019).

Peruzzo (2017) aponta um caminho para a democratização da sociedade e da cultura, de acordo com Freire, que por sua vez, acredita que a educação pode ser uma alternativa que gere consciência crítica da realidade e que para ser ativa, não pode se encerrar no imaginário, mas que deve se expandir. Mais uma vez a prática se sobrepõe como o fim último da hipótese.

Sendo assim, considerando a cidadania como espaço de participação, a educação na perspectiva Freiriana, e a comunicação como o principal para promover as duas anteriores, é possível reconhecer a importância dessa relação para pensar em uma sociedade mais democrática.

Tendo em vista que comunicação, educação e cidadania podem estar intrinsecamente interligados, pensar comunicação, também exige um olhar atento para as condições de cidadania, se perguntando como certos assuntos chegam a determinados públicos, questionando e refletindo sobre aqueles assuntos que nem chegam. Nesse sentido, a percepção de que se vive em comunidade, sendo assim, pensar comunicação também exige um pensar coletivo, pensar em comunidade, pensar de fato a produção cultural. Dessa maneira, muitas das questões colocadas por Mata (2006) passam a ter um papel importante nesta discussão, considerando que cidadania na comunicação é também pensar em pluralidade de vozes. Sendo assim, compele refletir sobre quem aparece, de que forma aparece e como isso reverbera na sociedade.

Porém, faz parte (ou deveria) do pesquisador em comunicação, questionar e refletir a como se coloca a realidade, e observar também as lacunas e defasagens presentes nos processos comunicacionais. Nesse sentido, vê-se a importância de compreender a comunicação não somente como instrumento, mas como um elemento estruturante da sociedade e que faz toda a diferença. Mas observar o que é o ideal (relação comunicação, cidadania e educação), nos faz pensar e criticar o que se tem hoje: uma realidade bem diferente. Que deveria se preocupar com as condições de cidadania na comunicação, como exemplo em questões de representação (Mata, 2006). Um olhar crítico que também deveria se estender para a problemática de acesso a

informações, visto que as mesmas muitas vezes que não chegam a todos os públicos, mesmo o acesso à informação sendo um direito⁶.

Dessa forma, para além de perceber o benefício da possibilidade de temáticas que gerem diálogo e que ajudem na interlocução entre diferentes atores (criança, família, escola...). Deve-se problematizar outras questões como acessibilidade, materialidade, percebendo, assim, a maneira como são postas ou a falta delas, em livros infantis.

Considerações Finais

O importante é perceber a comunicação enquanto parte estruturante da sociedade, pois afinal, comunicação é um direito reconhecido pelo governo⁷. E que para muito além de entreter, a comunicação é instrumento de questionamento e problematização do cotidiano. Sendo mais complexo do que muitas pessoas imaginam e ultrapassando a simples ideia de transmissão de informações, assim, contemplando transmissão, recepção, circulação, consumo e os usos e as apropriações realizadas em cada uma destas etapas do circuito comunicacional.

Nesse contexto, dentre as tantas possibilidades que pode existir de relacionar cidadania e comunicação, imagina-se que os livros infantis podem ser vistos como espaços de cidadania, no sentido em que podem gerar bons diálogos e trazerem pautas importantes de uma forma leve e descontraída, o que é recomendado para o gênero.

Sendo assim, a relação entre comunicação, cidadania e educação é fundamental para se tensionar o que construímos e propomos enquanto comunicadores. Sendo uma possibilidade para guiar nossas ações a fim de uma comunicação mais democrática, de diferentes visões sobre o mundo.

Visto essa possibilidade, é essencial observar o potencial que os livros infantis possuem visto que a literatura infantil, nas últimas décadas, tem ganhado espaço, assim como demonstra o portal Publishnews (2022) ao afirmar que os pequenos leitores são 23% da população brasileira. Ademais, a última pesquisa do Retratos da Leitura,

⁶O acesso à informação é um direito fundamental previsto no ordenamento jurídico brasileiro no art. 5º inciso XXXIII, bem como no inciso II do § 3 do art. 37 e no § 2 do art. 216 da Constituição Federal de 1988.

⁷ Artigo 19º: Todo ser humano tem direito à liberdade de expressão e opinião

realizada pelo Instituto Pró-Livro, evidenciou que o público infantil é o que mais lê hoje em dia. Sendo assim, é possível analisar o mercado editorial infantil como um espaço de grandes oportunidades, dado que é considerada como “Uma das áreas editoriais que mais tem se desenvolvido nas últimas décadas” (PONDÉ, 1988). Possibilidades estas que podem inspirar práticas e ações, sendo passível de fazer diferença em um futuro próximo. Acredita-se ainda que, investigar este cenário, buscar o que ele representa socialmente e tensionar suas prováveis e possíveis mudanças ao longo do tempo é uma forma de valorizar esta literatura que abre portas para tantas outras, e que ainda nos dias de hoje segue fazendo parte da vida de muitas infâncias.

Por fim, espera-se que este elo (comunicação, cidadania e educação), se perpetue para pensar cada vez mais a abertura desse campo editorial, se preocupando com que a comunicação seja um lugar cada vez mais aberto para pensar as pluralidades de vozes, de diálogo e de possibilidades inclusivas e representacionais relacionadas ao cotidiano abordando desde questões sociais quanto às estruturas familiares contemporâneas, auxiliando as crianças a construir e compreenderem o mundo a sua volta.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. Editora Unesp. 3ª edição. 2011.
- BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Cidadania e direitos: aproximações e relações. In: ___ (orgs) **Cidadania, um projeto em construção**. Minorias, justiça e direitos. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Editora Vozes, 2023.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise e didática. 1991
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 47–58, 2003.
- DEPEXE, Sandra; MARTINS, Alexandre; FREITAS, Marina Judiele dos Santos; MARQUES, Laura Simon. As Mulheres da Capa: Leitura das Mudanças Editoriais da GQ Magazine Brasil. **Animus** Revista Interamericana de Comunicação Midiática. 2022.
- DOMINGOS, Girlane Paula; MESQUITA, Leda Elaine S. H.; SERGIO, Maria Zildineth; AMORIM, Patrícia A. B.; MACHADO, Tânia R. “A Importância Da Leitura Na Educação Infantil.” **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.7.n.6, p.669-680. 2021.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. Editora Cortez. São Paulo. 1989.
- HOFFMANN, Adriana. Infâncias, Cultura Visual e Consumo: Reflexões De Pesquisas. **Cad. Cedec**, Campinas, v. 41, n. 113, p.56-64, Jan. - Abr., 2021
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. 11 set. 2020.
- MATA, María Cristina. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras**, v. 8, n. 1, p. 5-15, 2006.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária**. Revista Famecos: Mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v.24, n.1.
- PONDÉ, Gloria. **Nota à segunda edição In Literatura infantil brasileira**. 3ª edição. 2011
- PREVEDELLO, Jocelaine; NOAL, Eronita Ana C. **A importância da leitura e a influência das tecnologias**. Trabalho de Especialização Mídias na Educação. Brasil 2010.
- RODRIGUES, Scheila Leal ; ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares ; SOUZA, Antonio Escandiel de ; LAUXEN, Sirlei de Lourdes ; BASSO, Berenice Geschwind. **Literatura Infantil: Origens e Tendências. Seminário Internacional de Educação no Mercosul**. 2013

SARTORI, Ademilde Silveira; KORNATZKI, Luciana. Literatura Infantil e Educomunicação: relações para pensar seu uso no espaço escolar. V Simpósio Nacional ABCiber - Dias 16, 17 e 18 de Novembro de 2011 – UDESC/UFSC

SGOTI, Silmara de Mattos; PERUZZO, Cicilia M. Krohling. A Inter-relação entre Comunicação e Cidadania: os desafios da sua práxis na sociedade pós-moderna marcada pelo consumo. **Intercom** - XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Uberlândia - MG - 2015

SILVA, Arlete Vieira. A presença da arte e da cultura da literatura infantil desde a creche. 2006

SODRÉ, Muniz.; PAIVA, Raquel. Comunitarismo e sociedade incivil. **Revista FAMECOS**, v. 26, n. 1, p.1-12, 2019.

ZAPPATERRA, Yolanda. **Design editorial**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.